

Editorial

Falar de «ecologia dos média» é recordar a de Marshall McLuhan e Neil Postman, entre outros, como os fundadores deste conceito¹. Quando, em 2000, Neil Postman proferiu a conferência com que inaugurou a convenção da *Media Ecology Association*², pôde explicar o significado da expressão «*media ecology*» para, depois, lançar aquelas perguntas que ele considera serem fundamentais, para que os média digitais estejam, de facto, ao serviço do ser humano, potenciando uma cada vez maior humanização da humanidade. De modo sintético, as questões centram-se em torno de quatro eixos: perceber se os novos média potenciam o pensamento racional; em que medida contribuem para o desenvolvimento de processos democráticos; se oferecem, ou não, um maior acesso a informação significativa; e, por fim, se potenciam o aumento de uma consciência ética que promova uma maior bondade entre os humanos³.

Nos média digitais verifica-se que a principal característica da evolução dos suportes dos traços culturais é a sua desmaterialização, que acaba por ser a característica propulsora das demais, ou seja, a aceleração e miniaturização dos lugares de memória, até à sua total virtualização. Acresce o custo da autoridade: «a máquina alivia, o poder torna pesado. É o contrassenso do político diante da evolução técnica. A autoridade

¹ Cf. Carlos A. Scolari, ed., *Ecología de los medios. Entornos, evoluciones e interpretaciones* (Barcelona: Gedisa, 2015). Sobretudo a primeira parte.

² Cf. Neil Postman, «The Humanism of Media Ecology», *Proceedings of the Media Ecology Association* 1 (2000): 10-16.

³ Cf. Postman, 15-19.

estabelecida toma o caminho em sentido contrário, bloqueia o “micro” inovador com o “macro” entronizado»⁴.

Régis Debray entende uma mediasfera «como um meio de transmissão e de transporte de mensagens e de pessoas, com os métodos de elaboração e de difusão intelectuais que lhe correspondem»⁵, sistematizado em seis eixos. O primeiro a ter presente é que não se pode separar uma operação de pensamento das condições técnicas de inscrição, mediação e armazenamento que a tornam possível. A este eixo soma-se um outro, que diz respeito aos objetos de memória disponíveis, próprios de cada época, com os quais se faz o registo. O terceiro eixo foca a sua atenção no sistema dominante de conservação de traços culturais. O quarto, muito ligado a este, evidencia que não há uma mediasfera em estado puro, antes cada uma delas é resultado da junção de objetos novos e de práticas já conhecidas, entrelaçando numa rede técnicas de diferentes épocas. O quinto eixo diz-nos que cada mediasfera suscita uma relação espaço-temporal própria, um realismo específico, com o conseqüente sentido de orientação específico e sensação de segurança. Por fim, o sexto, cada «evolução técnica dos meios de transmissão material dá um fio condutor à sucessão histórica, aparição e extinção, dos sistemas simbólicos vivos em cada estado do mundo»⁶. Uma ecologia dos média dá, então, forma à política de uma cultura, à sua organização social e aos seus hábitos e modos de pensar.

Por isso, a emergência de uma mediasfera baseada no digital faz com que alguns indivíduos e ideias se venham a sentir estrangeiros no seu lugar de origem, pelo que é imprescindível a salvaguarda necessária para que isso não aconteça. Uma mediasfera só será viável se respeitar a ética, o ser humano e o bem comum. O que se diz dos indivíduos, deve também aplicar-se às ideias. Algumas podem ter numa determinada mediasfera um ambiente agreste, mas se são importantes, deve haver uma

⁴ Régis Debray, *Cours de médiologie générale* (Paris: Gallimard, 1991), 211.

⁵ Régis Debray, *Vie et mort de l'image* (Paris: Gallimard, 1992), 148.

⁶ Debray, *Cours de médiologie générale*, 230.

preocupação ecológica de as proteger e promover no âmbito dessa agressão ecológica.

A tradição cristã tem um contributo a dar, quando propõe «uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo» (*Laudato Si'*, 222). Esta opção concretiza-se através do cuidado, que insere o indivíduo no território do personalismo solidário, com os seus princípios sociais (solidariedade, subsidiariedade, bem-comum) e os grandes valores (verdade, justiça, igualdade, liberdade, participação) determinantes da qualidade de toda a ação e instituição social⁷.

A este dado acresce o facto de que, na *Laudato Si'*, foi dedicado um parágrafo completo ao «mundo digital» e à sua influência no mundo contemporâneo⁸. A Encíclica defende que «o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social» (*Laudato Si'*, 48). Mais, é a partir deste contexto que podemos entender a «ecologia digital», a partir do que Francisco chama de uma «ecologia cultural» (cf. §§ 143-146) e de uma «ecologia da vida quotidiana» (cf. §§ 147-155).

O virtual surge como um lugar antropológico, de construção simbólica e no qual o sujeito elabora a sua identidade e desenvolve diversos tipos de relações com outros indivíduos e com o mundo. É aqui que ganha destaque o reconhecimento da importância que a salvaguarda ecológica tem para a vida dos humanos e dos diversos ecossistemas do planeta. A «ecologia» torna-se, então, um lugar de encontro entre diversas áreas do saber, sendo facilitadora do diálogo humanizador e, por isso, fecunda para compreender os média digitais e os desenvolvimentos tecnológicos.

⁷ Cf. Julio L. Martínez, «Los caminos de la ética contemporánea ante la agenda 2030», em *Desarrollo humano integral y Agenda 2030: Aportaciones del pensamiento social cristiano a los Objetivos de Desarrollo Sostenible*, ed. José María Larrú (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2020), 41.

⁸ Cf. Marcello Semeraro e Guido Gili, «L'ecologia della comunicazione e dei media nell'Enciclica *Laudato si'*», *Problemi dell'informazione* 2, n.º 2 (2016): 260-69, <https://doi.org/10.1445/84013>.

Embora se possa afirmar, genericamente, que a sua razão de ser deriva da constatação de que os meios digitais são o suporte de muitas atividades do ser humano, estando os novos dispositivos digitais como que incorporados no quotidiano de cada indivíduo⁹. A cultura digital destaca e potencia a característica de os humanos serem em relação; o desafio reside em perceber como a relação no digital pode ser autenticamente humana. Neste contexto, a conexão é com um mundo possível, que se descobre na velocidade e intensidade que o internauta desejar. É a ligação com um mundo onde o espaço e o tempo são relativos. É uma relação indireta com o mundo, assim como o é com o outro.

O digital, que não corresponde somente à presença dos meios tecnológicos, caracteriza, efetivamente, o mundo contemporâneo, pelo que a sua influência se tornou, num breve espaço de tempo, habitual e contínua, a ponto de ser encarada como natural. A cultura contemporânea está amplamente digitalizada, o que acaba por ter implicações muito profundas na conceção que se tem do tempo e do espaço, bem como de si mesmo, dos outros e do mundo. O digital não só faz parte das culturas existentes, como se está a impor como uma nova cultura, modificando, antes de mais, a linguagem, modelando a mentalidade e reelaborando os valores.

Por fim, falta ainda referir que este volume é um dos resultados do grupo de trabalho «Digital Ecology» do projeto de investigação *Common home and new ways of living interculturally: Public theology and ecology of culture in pandemic times*, desenvolvido no âmbito do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, da Universidade Católica Portuguesa. Alguns dos textos, devidamente assinalados, nasceram no âmbito daquele grupo de trabalho.

Luís Miguel Figueiredo Rodrigues¹⁰

⁹ Cf. Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. O fim do milénio*, vol. 3 (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 472–77.

¹⁰ Universidade Católica Portuguesa; Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião; <https://orcid.org/0000-0002-6949-565X>; figueiredorodrigues@ucp.pt.